

Editorial

Mais um número da Revista Ensaios Filosóficos para os leitores que se interessam pelo discurso filosófico. São quinze anos da existência de uma revista cuja concepção foi, principalmente, oferecer à leitura textos de reflexão provenientes de especialistas da discussão filosófica. Pensadores da filosofia, estudantes de filosofia da graduação e pós-graduação e de áreas afins, são os que dedicam à escrita na revista. A chamada aos estudantes tem sido o seu diferencial desde sempre, daí a Ensaios estar ligada a um Laboratório de Pesquisa sobre o ensino de filosofia- o LLPEFIL. São artigos completos de filósofos, pensadores de áreas das humanas e sociais e, também, de estudantes que sob a orientação de seus supervisores apresentam os seus trabalhos de pesquisa na revista. A Ensaios tem se caracterizado não como sendo somente mais uma revista, mas como publicação que divulga toda a produção contemporânea a respeito da filosofia, entrevistas, resenhas de livros, traduções de artigos internacionais, quando é o caso. Ela pretende que seus artigos sejam, não só visualizados ou lidos, mas que sirvam de base para discussões temáticas, mesmo em sala de aula, por professores e alunos. A revista publica artigos de várias concepções filosóficas, artigos sobre o ensino de filosofia, artigos de áreas afins sobre o ensino ou sobre temáticas que interessam também à filosofia.

Neste número temos artigos sem temática única, mas de diversas áreas de saber: “Estar no mundo que tentamos pensar” de Guilherme Cadaval traz o pensamento de Jacques Derrida sobre a Universidade, a partir de “A universidade sem condição” e os textos de O olho da Universidade. Trata-se de repensar o entendimento do que é a universidade como lugar do acontecimento e da singularidade da produção. O artigo de Cairo de Souza Barbosa “Espinoza e Marx: Proposições libertárias da servidão ultraconservadora” versa sobre as concepções desses dois autores no sentido de discutir a potência da coletividade (Espinoza), e as proposições de Marx sobre a prática revolucionária, ambos possibilitando pensar em horizontes libertários, implicando os modos de transcender a servidão. “A diferença sexual como mediação do ser social: Marx e o segundo sexo de Simone de Beauvoir” de Nathan Menezes Amarante Teixeira, discute a forma em que “ a perspectiva de Marx sobre a determinação do ser social pelo trabalho é mobilizada por Simone de Beauvoir, assim como em que medida a filósofa vai além de Marx ao desenvolver uma análise existencial sobre a presença corpórea a partir dessa base ao mesmo tempo em que conceitua o fenômeno da diferença sexual de um modo específico ausente das considerações marxistas”. Luã Sarcinelli Santos escreve o texto “Cenas de leitura: Derrida, Deleuze e a herança da tradição metafísica no sentido de mostrar “as proximidades e

5

distâncias entre os pensamentos de Jacques Derrida e Gilles Deleuze a partir de uma declaração feita pelo último no colóquio de Cerisy-la-Salle”. Francisco Estefogo apresenta “O Surrealismo como questão: diálogos imaginados entre Carlo Argan e algumas tradições do marxismo”, visando a discussão sobre o chamado surrealismo e apresentando um diálogo imaginado entre este e algumas tradições marxistas de crítica da arte contemporâneas. “As sociabilidades do samba na construção da imagem do Rio de Janeiro” de Victor Nigro Fernandes Solis, traz a sociologia em conversa com a filosofia na temática do LLPEFIL “Sambalidades”, discutindo como os sambistas populares foram socialmente aceitos no Rio de Janeiro a partir do início do século XX, e como conquistaram aos poucos “os espaços nas ruas, praças e na cena cultural da cidade”. Paula Vargens trabalha a questão dos monstros enquanto “categoria política”, os monstros enquanto espectros e sua relação com a lógica punitiva. Trabalha o modo como a imagem do monstro se delineia nos discursos sobre as prisões e os processos de encarceramento. “A Origem da Vadiocracia” de Marcelo José Derzi Moraes trata da temática da vadiagem e da vadiocracia. “Pensando a partir da desconstrução da colonialidade”, diz o autor, é possível descortinar a ideia de um devir-vadio do mundo e uma vadiocracia “dentro de um contexto de heranças coloniais” e a vadiagem como “possibilidade ética.” “O reinado catiço e suas coreografias ontológicas desde os Brasis” é artigo de Rafael Ribeiro da Silva para dar conta de coreografias ontológicas de Exus e Pombagiras das Umbandas, considerando algumas entidades arquetípicas e personagens populares, promovendo fissuras nas metafísicas tradicionais, a partir da desconstrução. A partir inspiração no livro Glas (Dobre de Finados) de Derrida, dividido em duas colunas, à esquerda (Hegel) e à direita, Jean Genet e suas flores, Silvio Luiz Matias da Silva com o apoio de sua orientadora, Dirce Eleonora Nigro Solis, escreve, considerando a postura da desconstrução o artigo “As flores, as flores do mal. Obras Musicais e suas relações com Jean Genet, Charles Baudelaire sob a desconstrução de Jacques Derrida”. “Uma Carta para Ângela ou prolegômenos para uma ontologia bêbada”, cuja autoria é de Rafael Haddock Lobo apresenta a reflexão do autor sobre sua “relação ao longo da juventude com a música de Angela Ro Ro”, procurando, segundo ele, se “emaranhar nessas profundas ontologias sentimentais e complexas que se apresentam em suas letras, especificamente em seu disco de estréia de 1979, homônimo da cantora. No conjunto de artigos ainda temos de Fabio Borges-Rosario “A desconstrução da Filosofia no pensamento de Frantz Fanon”, onde o autor explora, a partir da leitura de Fanon, a questão da descolonização e desconstrução do ensino de filosofia.

Esse número da Ensaio, publica, ainda, uma resenha, assinada por Cello Latini Pfeil do livro de Saul Newman “FROM BAKUNIN TO LACAN: Anti-authoritarianism and the

9

dislocation of power (de Bakunin a Lacan: antitautoritarismo e o deslocamento do poder), de imperdível leitura.

O que esperamos com esse número é que os/as interessados/as possam usufruir de modo produtivo as centralidades e as margens da filosofia.

O Conselho Editorial